

AS ASSINATURAS DEVOCIONAIS DO GĪTAGOVINDA:
METALINGUAGEM E CELEBRAÇÃO DO MITO*
(THE DEVOTIONAL SIGNATURES OF GĪTAGOVINDA:
METALINGUISTICS AND CELEBRATION OF THE MYTH)

João Carlos Barbosa GONÇALVES (Universidade de São Paulo)

ABSTRACT: *This work describes the metalinguistic aspects of Jayadeva's devotional signatures, aiming to investigate the presence of the relation between the spiritual ideas of bhakti and the reconstruction of an erotic myth arranged in the sanskrit poem Gītagovinda (XII d.C.).*

KEYWORDS: *sanskrit poetry, metalinguistics, myth, religion.*

0. Introdução: As assinaturas devocionais do *Gītagovinda*

Apresenta-se constantemente na literatura crítica do *Gītagovinda*, a discussão, de certa forma assemelhada aos embates travados em torno do *Cântico dos Cânticos*, a respeito de seu caráter sagrado ou profano e da conjunção entre amor sexual e amor religioso. Posicionados entre dois extremos, vários são os comentários ao redor do poema: de um lado nega-se o amor expresso na carne, sob o convite de uma alegoria de amor divino que impregna as miríades das almas humanas e, no pólo oposto, afirma-se o amor sexualizado como uma presença poderosa que enfraquece a possibilidade dos personagens representarem alguma dimensão associada ao *mysterium*.

Com frequência, proliferam opiniões fundamentadas em elementos externos ao texto, amparando seus pontos de vista mais no enfoque das tradições culturais indianas do que na análise textual propriamente dita. O contexto cultural em que o *Gītagovinda* foi composto, que está intimamente associado às concepções de mundo adquiridas pelo movimento *visnuíta*, às prerrogativas estéticas da poética e do teatro sânscrito, à penetração do Tantrismo nos cultos populares e ao momento histórico de queda de prestígio dos falantes do sânscrito, fornece orientações fundamentais para a leitura do *Gītagovinda*, entretanto, é imperativo que não se deixe de observar o contexto cultural em conexão com sua construção lingüística.

Uma característica discursiva do *Gītagovinda*, cujo estudo importa para essa discussão, é a presença permanente de uma voz que afirma a autoria do poeta Jayadeva em cada uma das totais 24 canções do poema. Trata-se das estrofes finais das canções, na maioria compostas por 8 estrofes, que provocam uma interrupção no desenvolvimento lírico-narrativo, com uma intervenção que, ao mesmo tempo que traz a autoria, formula um dito auspicioso que envolve o próprio poema, a bem-aventurança de *Kṛṣṇa*, seus seguidores e a audiência.

* Neste artigo, a transliteração para o sânscrito utiliza o contraste entre o tipo normal e o itálico para indicar as cacuminais, o *anusvara* e o *visarga*; o acento circunflexo para as vogais longas e o *cê* cedilhado para a sibilante palatal.

Da presença dessas intervenções, que soam como assinaturas devocionais, há conseqüências importantes para o efeito de significação do poema. Elas acentuam que há uma proximidade entre o que está sendo narrado e a tradição devocional associada ao personagem-divindade *Kṛṣṇa*, interceptando o sentido do episódio relatado no poema com uma construção metalingüística que instaura sua narrativa no âmbito das narrativas de função devocional.

1. Mito e metalinguagem

Dois planos de linguagem podem ser constatados na composição do poema, o que compõe a história baseada numa narrativa extraída do repertório mítico tradicional e a voz metalingüística que intercepta permanentemente o primeiro plano, ao lhe atribuir propriedades devocionais. Sobre a relação entre esses dois planos de sentido, cria-se a conjunção entre prazer sexual e culto devocional, alvo insistente das observações feitas sobre o poema *Gītagovinda*.

As contribuições de Lótman e Uspenskii, expostas no ensaio de nome “Mito, Nome e Cultura” (cf. ref. biblio.), serão frutíferas para o exame do modo como se articulam, no sentido construído pelo poema, esses universos culturais. Os teóricos russos descrevem alguns mecanismos de significação que fundamentam o que lá está denominado como consciência mitológica. Com esta atribuição, os autores pretendem dar conta do mito enquanto fenômeno de consciência, sem a pretensão de abranger as narrativas míticas ou de considerá-lo como um sistema (Lótman, 1981: 132-133). Para o delineamento da referida consciência, é apresentada a natureza monolingüística do mito, tendo em conta sua capacidade de significação fundamentada sobre objeto descrito e metatexto descritivo pertencentes à mesma língua. Em contrapartida, a consciência não-mitológica é apresentada por via de construções que se fazem significar de modo plurilingüístico, em que objeto descrito e metatexto descritivo pertencem a línguas diferentes. No primeiro caso, portanto, a significação ocorre por meio da *identificação*, e, no segundo, por meio da *tradução*.

Como conseqüência dessa caracterização, resulta, segundo os autores, o alheamento da metáfora ao mito. Sendo a metáfora uma possibilidade de significação que remete à existência de um patamar de abstração subjacente à identificação imediata, sua presença carece de pelo menos uma segunda língua, o que exclui a possibilidade da criação do sentido do mito.

Dessas observações, pode-se extrair um enfoque teórico de bom auxílio para o exame da dinâmica existente entre a construção narrativa e a metalinguagem presente no *Gītagovinda*. É necessário, todavia, salientar um fato com relação ao que se possa conceber a partir da elaboração feita a respeito da consciência mitológica: conforme os autores expõem, não há cultura cuja linguagem seja homogênea, sendo característica da linguagem, a coexistência entre elementos do pensamento mitológico e do pensamento “lógico e descritivo” (Lótman, 1981: 140).

2. A estrutura devocional nas assinaturas

Observando a recorrência dos percursos temáticos traçados nas assinaturas devocionais do *Gītagovinda*, percebemos uma concordância entre as idéias nelas expressas e a ideologia da *Bhakti* na literatura visnuíta. A *bhakti*, uma corrente religiosa

que se desenvolveu intensamente no culto visnuíta, é constituída de um corpo de conhecimento metafísico, de práticas místicas e de trabalhos ritualísticos. O campo semântico “devoção” ou “amor devocional” é geralmente utilizado para traduzir a palavra sânscrita *bhakti*, que é formada a partir da raiz verbal *BHAJ* (lat. frag), que tem o sentido concreto de “cindir, partir, fragmentar”, derivando, no substantivo feminino *bhakti*, o sentido de “parte, porção, quinhão”, cuja travessia semântica para o universo religioso se fez por meio do transporte da noção de “partição” do universo dos objetos físicos para o universo das entidades pessoais (Anand, 1996: 74), proporcionando daí a concepção de “participação”, sendo a divindade o participante (*bhagavan*) e o devoto o participado (*bhakta*).

Como um dos expoentes da literatura representativa da *bhakti*, está o *Bhâgavatapurâna*¹ (Bh.P.), obra da literatura sânscrita épica, de datação controversa, mas não posterior ao século X d.C. (cf. Dasgupta, 1975: 1). Nesse texto épico, encontramos episódios míticos convergentes com a composição de Jayadeva, sobretudo na construção do episódio central do *Gîtâgovinda*, de que encontramos uma narrativa no Bh.P. 10.29-33, em que *Krsna* dança sensualmente junto das pastoras numa noite de outono. Concorrente com a presença da narrativa de conteúdo semelhante, a conceitualização a respeito da *bhakti*, presente no Bh.P., sugere ser plausível tomar esse texto épico como fonte de investigação a respeito do contexto religioso do *Gîtâgovinda*, cujas assinaturas assumem um tom compatível com o que o Bh.P. expõe a respeito da *bhakti*.

De acordo com a visão da *bhakti*, uma das práticas que propiciam a aproximação entre devoto e divindade é a atividade narrativa, no caso do *Krsnaísmo*, o ato de contar histórias a respeito de *Krsna*, conforme nos afirma uma fala desse deus no Bh.P. 11.19.22-24, que enumera os instrumentos de *bhakti* que devem ser utilizados em seu propósito:

“O mover do corpo visando a mim, a proclamação de meus atributos por meio da fala. A entrega da mente para mim, a desistência de todos os desejos. (22) Visando a mim, o abandono dos objetivos, de prazer e de desfrute. O sacrifício, a oferta, o rito do fogo, o canto, visando a mim, também o voto e a austeridade. (23) Então, por meios dessas condutas, a *bhakti* dos homens que entregam a si mesmos, ó Uddhava, os conecta a mim. Que objetivo mais há para ser almejado? (24)²

1 Junto com o *Bh.P.*, está a *Bhagavadgîtâ* (Bh.G.) como obra fundamental que condensa os preceitos da *bhakti*. Enquanto na primeira, atua preponderantemente o *Krsna* de personalidade pastoril, menino traquinas e jovem sensual, assemelhado ao personagem do *Gîtâgovinda*, na segunda, é o *Krsna* guerreiro, auriga e conselheiro de guerra de Arjuna, em meio à guerra fratricida ambientada no épico *Mahâbhârata*, obra de que a Bh.G. são dezoito capítulos do livro seis. *Krsna*, na Bh.G., entre outros ensinamentos, inicia seu companheiro no caminho da *bhakti*, e na concepção, muito cara aos *bhakta*, da ação desinteressada, em que, num diálogo com o ascetismo, é pressuposta a importância de o homem viver dentro das atividades do mundo, sem visar seus frutos ou condicionar-se a elas.

2 *madarthesvangacestâ ca vacasâ madguneranam / mayyarpanam ca manasah*

Práticas importantes do Visnuísmo devocional, os atos de ouvir e de narrar histórias sobre *Kṛṣṇa* recebem muitas vezes o papel de maior importância dentro da experiência religiosa, como diz Çuka, o narrador do Bh.P.:

“Nem por meio dos votos e tudo o mais, é purificada, como é, por meio da *bhakti* sincera, a pessoa dos que ouvem e dos que entoam com frequência as glórias extraordinárias de Hari.” (Bh.P. 6.3.32)³

Convergente com essa estrutura do pensamento da *bhakti* visnuíta, em algumas das assinaturas do *Gîtâgovinda*, apresentam-se os seguintes dizeres:

“[O *Gîtâgovinda*] eleva a essência da recordação dos passos de Hari.” (Gît. 1.34)⁴

“[O *Gîtâgovinda*, que contém] a recordação dos passos de Hari (...)” (Gît. 2.9)⁵

“[O *Gîtâgovinda*, que contém] a alegre vida de Hari (...)” (Gît. 9.9)⁶

“[O *Gîtâgovinda*, que contém] o deleite do Rival-de-Madhu (...)” (Gît. 12.9)⁷

Nessas passagens, a aproximação com o universo devocional pode ser percebida quando notamos que existe nelas um esforço metalinguístico para dizer o que já está expresso por meio do próprio andamento do poema. Os trechos auto-descritivos proporcionam ao conjunto geral do poema uma consciência daquilo que é possível constatar a partir de sua constituição, sugerindo uma função para a narrativa, de modo a incitar uma integração do episódio materializado no presente da representação com a virtualidade daquilo que o repertório coletivo avalia como sendo a “essência da recordação dos passos de Hari”, “a alegre vida de Hari” ou “deleite do Rival-de-Madhu”.

De acordo com as formulações estabelecidas pelo sistema da *bhakti*, a mente e o coração humanos devem ser orientados para uma intensa e permanente focalização na divindade. Isto consiste, de certa forma, de um procedimento de meditação constante, que pode ser incitado, entre outros meios, pelo contato com as narrativas míticas. No Bh.P. 11.14.26-27, *Kṛṣṇa*, em sua lição ao discípulo Uddhava, apresenta os dizeres abaixo, que nos auxiliam na exposição do sistema da *bhakti* e da relação do *Gîtâgovinda* com seus preceitos:

sarvakâmvivarjanam // 22 // madarthe 'rthaparityâgo bhogasya ca sukhasya ca / istam dattam japtam madartham yad vratam tapah // 23 // evam dharmairmanusyânâmuddhavâtmanivedinâm / mayi sañjayate bhaktih ko 'nyo 'rthe 'syâvaçisyate // Bh.P. 11.19.24 //

3çṛnvatâṁ gr̥natâṁ vîryânyuddâmâni harermuhuh / yathâ sujâtayâ bhaktyâ çuddhyennâtmâ vratâdibhih // Bh.P. 6.3.32 //

4(...) udayati haricaranasmrtisâram (...) // Gît. 1.34 //

5(...) haricaranasmaranam (...) // Gît. 2.9 //

6(...) atilalitam (...) haricaritam // Gît. 9.9 //

7anupadanigaditamadhuripumodam (...) // Gît. 12.9 //

“A pessoa é purificada pelo dizer e pelo ouvir dos cantos auspiciosos sobre mim e percebe as coisas sutis, tal como a visão em que o colírio foi aplicado (26). A mente dos que ficam pensando nos objetos dos sentidos, a eles adere, a mente dos que ficam lembrando de mim, em mim se funde (27).”⁸

Essa passagem, representativa do componente do sistema *bhakti* que solicita ao devoto uma focalização intensa da consciência na divindade, tem correspondência no término das canções 10, 13 e 16 do *Gîtâgovinda*, em assinaturas que empregam o mesmo valor ao referido comportamento devocional:

“Enquanto Jayadeva narra (...), que Hari surja para boas ações na mente que é rica em alegria.” (Gît. 5.6)⁹

“Que o *Gîtâgovinda*, protegido aos pés de Hari, (...) habite [em vosso] coração como uma jovem bela e conhecedora das artes.” (Gît. 7.10)¹⁰

“Que Hari penetre também neste coração.” (Gît. 7.38)¹¹

Nota-se aí, que o poema, atribuindo a si a capacidade de projetar Hari no coração e na mente da audiência, está atribuindo uma função para a narrativa que ele constrói. Dessa forma, ao constituir sua auto-imagem, associa o momento de sua narração a um gesto vinculado às práticas devocionais que proporcionam aos adeptos da *bhakti* sua experiência junto à divindade.

Além das citadas, há outras associações entre as idéias que percorrem as assinaturas das canções do *Gîtâgovinda* e as concepções da *bhakti*, entre elas, a identificação entre o devoto e a divindade, de que nos serve como imediato indício o nome do enunciador Jayadeva, que é um composto nominal sânscrito traduzível como “Deus-do-triunfo”, epíteto possível de *Kṛṣṇa*.

Há também duas passagens nas assinaturas em que é pedido aos que presenciam a representação do poema, que reverenciem a *Kṛṣṇa* (5.15, 11.31). Essas duas passagens são fatores evidentes que contribuem para o vínculo criado pelas assinaturas entre o conteúdo do poema e as narrativas míticas que possibilitam a experimentação religiosa dos adeptos do *Kṛṣṇaísmo*.

Cabe ainda notar que há três referências à Era-negra (*kaliyuga*) nas assinaturas (7.20, 7.29, 12.19), que, de acordo com a teoria que versa a respeito dos estágios do cosmo, é a atual e a mais dura das quatro eras. Já nessa era, caracterizada por decadência e sofrimento, foi composto o Bh.P., em que se preceitua a *bhakti* como procedimento religioso mais adequado para o *bhakta* se associar ao *bhagavan*, em meio às dificuldades proporcionadas por tempos tão difíceis, sendo até um privilégio ter nascido na pior das eras, pelo fato de o caminho da *bhakti* ter sido criado nessa era (cf. Bh.P. 11.5.20-38). Nas assinaturas, as concepções que fazem referência à *Era Negra*

8yathâ yathâ "tmâ parimrjyate 'sau matpunyagâthâçravanâbhidânai / tathâ tathâ paçyati vastu sũksmam caksuryathaivânjanasamprayuktam // 26 // visayân dhyâyataçcittam visayesu visajjate / mâmanusmarataçcittam mayyeva pravilîyate // Bh.P. 11.14.27 //

9(...) manasi rabhasavibhave harirudayatu sukrtena // Gît. 5.6 //

10(...) vasatu hr̥di yuvatiriva komalakalâvatî // Gît. 7.10 //

11(...) praviçatu harirapi hr̥dayamanena // Gît. 7.38 //

pertencem à mesma sorte de idéias que se pode encontrar no conjunto das teorias da *bhakti visnuíta*: a devoção a *Kṛṣṇa* é um meio para apaziguar e transcender os sofrimentos trazidos pela Era negra:

“Que o prazer de Hari no relato do Excelso Jayadeva/ Engendre a extinção da impureza na Era Negra.” (Gît. 7.20)¹²

“Que não perdurem os maus feitos da Era Negra, enquanto o seguidor dos passos do Rival-de-Madhu,/ Jayadeva, rei dos poetas, enumera aqui a essência dos atributos de Hari.” (Gît. 7.29)¹³

“Apieda o coração junto ao esplêndido enfeite do dito do Excelso Jayadeva:/ o fim das dores da vida na turvação da Era Negra feito pelo néctar da recordação dos passos de Hari.” (Gît. 12.19)¹⁴

3. Os efeitos de significação das assinaturas no poema

Os personagens, o cenário e a relação amorosa expressos no poema são presença reconhecida no repertório mítico que fundamenta a construção das características do *bhagavan Kṛṣṇa*. Ainda assim, a narração do episódio do *Gîtāgovinda*, considerando as assinaturas das canções, sofre 24 intervenções metalingüísticas que a associam às práticas da *bhakti*.

Daí ocorre, portanto, que a voz metalingüística - lembrando, durante o momento em que o episódio é contado à audiência, que aquilo que está sendo dito deve inspirar devoção, deve ser instaurado no coração, traz bem-aventurança, etc. - tem o efeito de produzir no conjunto do texto do poema uma relação devocional com a realidade mítica, cabendo a ela instaurar o fato de que o episódio narrado é objetivo e exemplar. A cada fim de canção, o episódio de *Kṛṣṇa* deixa de ser o conteúdo do texto para dar lugar ao texto que tem como conteúdo o episódio de *Kṛṣṇa*. Nessa troca de referente, em que o poema fornece à audiência os modelos que regulam sua auto-imagem, há uma pretensão de conceder ao poema um estatuto de narrativa mítica.

Essa pretensão é bem sucedida, se vista diante da história da repercussão do poema no ambiente religioso, em que teve aceitação como obra inspirada, dando inclusive a Jayadeva uma biografia que o considera como um devoto que logrou alcançar a divindade. É impossível saber se o *Gîtāgovinda* teria tido o mesmo destino dentro do movimento *visnuíta*, caso não tivesse sido composto com as assinaturas devocionais, entretanto, podemos afirmar que as assinaturas concedem a permissão devocional para o desfrute do contato com a aventura amorosa do *bhagavan*. Talvez as intervenções metalingüísticas do *Gîtāgovinda* cumpram o mesmo efeito tal como é feito ao fim do episódio sensual entre *Kṛṣṇa* e as pastoras, no Bh.P. 10.33.27-40, em que o narrador Çuka estabelece parâmetros morais para os feitos sexuais da divindade, ao advertir que *Kṛṣṇa* não deve ser imitado pelos homens comuns, lembrando um famoso episódio em que o deus Rudra tomou veneno, mas nem por isso seus devotos deveriam

12çṛījayadevabhanitaharimitam / kalikalusam janayatu pariçamitam // Gît. 7.20 //

13iha rasabhanane kṛtāharigunane madhuripupadasevake / kaliyugacaritam na vasatu duritam kavīrpajayadevake // Gît. 7.29 //

14çṛījayadevacasi rucire hrdayam sadayam kuru mandane / haricaranasmaranāmṛtakṛtakalikalusabhavajvarakhandane // Gît. 12.19 //

seguir seu exemplo.

4. Observações finais

Neste artigo, procuramos utilizar parâmetros discursivos para estabelecer pontos de contato entre as assinaturas e o sistema devocional da *bhakti*, verificando no Bh.P. a condensação ideológica do universo cultural a que o *Gîtâgovinda* está associado. O mito trazido pelo poema de Jayadeva exemplifica o quanto mitos são dependentes de seu contexto de celebração, sendo inviável analisar as narrativas míticas dissociadas do corpo conceitual que as engloba. Nesse sentido, não há estritamente uma consciência mítica, mas um sentido mítico, pois que os usuários do mito, ao menos no universo cultural em que estamos projetando nossa pesquisa, o fazem em paralelo e em dependência estreita de um corpo de conhecimento abstrato e conceitual. Ao mesmo tempo em que se diz que *Krsna* dança sexualmente com mais de cem pastoras, e isto é para ser entendido como um fato monolíngüístico (tão real quanto a realidade dos que o concebem), associa-se *Krsna* ao *bhagavan*, também um fato real, mas que envolve um campo conceitual metafísico (construção plurilingüística). As duas construções, monolíngüística e plurilingüística, atuam em combinação dinâmica na reconstrução do mito, de modo a exigir da análise a descrição do modo como essa interação atua na criação e na celebração do mito, que, se de um lado é constituído por meio de linguagem monolíngüística, de outro, adere e está aderido a um universo constituído por formulações plurilingüísticas, sendo incompleta sua significação sem essa interação.

A respeito da conjunção entre sentimento erótico e devocional, figurado no episódio amoroso de *Krsna* e conduzido sob as concepções da *bhakti*, pode-se depreender que as assinaturas instauram a relação entre devoto (*bhakta*) e divindade (*bhagavan*) ao lado da narrativa dos amantes míticos. O episódio narrado no *Gîtâgovinda*, soma de sentimentos humanos e heróis míticos, é conduzido ao longo de intervenções que proporcionam um aspecto ritualizado ao ato da enunciação do poema, em que a voz que produz as assinaturas faz celebrar devocionalmente a união amorosa de *Krsna* e sua amada, mito antigo recriado no fazer estetizado da poesia, como um instrumento capaz de unir devoto e divindade.

No *Gîtâgovinda*, a conjunção entre o deleite sexual e o sentimento devocional é realizada ao lado do prazer estético da poesia. Esses três componentes estão conectados por um fator comum: a poesia tem, em seus contornos e enlaces, uma mensagem que se volta sobre si mesma, relegando a comunicação para um plano inferior. O erotismo, como dito por Octavio Paz, é a “poética corporal”, em que a sexualidade é transfigurada e a reprodução interrompida (1995: 12-13). E a *bhakti* cultiva no devoto o “intuito de não ter intuito”¹⁵, criando um agir no mundo que não visa os frutos da ação. Nessa tríade - erotismo, arte e devoção - conforme concebida no *Gîtâgovinda*, surge um jogo entre três formas de prazer, em que as três experiências são motivadamente associadas, produzindo um efeito de significação semelhante ao andamento de um ritual, em que o sacerdote, co-criador do sistema cósmico, encarnado na voz metalingüística que se posta em uma dimensão diferenciada, envolve os adeptos,

15(...) animittanimittena dharmenârâdhayan harim (Bh.P. 10.15.14). Trata-se da descrição dos atributos dos homens que moram na estância celestial onde Hari habita: “aprazem Hari, por meio da reta conduta, com o intuito de não ter intuito”.

conciliando universos distintos da vivência humana, experimentando a semelhança na dessemelhança, e acaba por reunir, por meio de sua poesia que ritualiza o gozo, o êxtase da experiência estética, o êxtase da união amorosa e o êxtase da identificação entre devoto e divindade.

RESUMO: Com a análise do aspecto metalingüístico das assinaturas devocionais do poeta Jayadeva, este artigo investiga o modo como se estrutura a associação entre as concepções religiosas da bhakti e a reconstrução narrativa do mito erótico condensado no poema sânscrito Gîttagovinda (XII d.C.).

PALAVRAS-CHAVE: poesia sânscrita, metalinguagem, religião, mito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAND, Subhash. *The Way of Love - The Bhâgavata Doctrine of Bhakti*. Delhi, Munshiram Manoharlal, 1996.

DASGUPTA, Surendranath. *History of Indian Philosophy*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1975.

LÓTMAN, Iúri, USPENSKII, B. Mito, Nome e cultura. In: LÓTMAN et alii. *Ensaio de semiótica soviética*. Lisboa, Horizonte, 1981

MILLER, Barbara Stoler. *Gîttagovinda of Jayadeva - Love Song of the Dark Lord*. Delhi, Motilal Bararsidass, 1984.

PAZ, Octavio. *A Dupla Chama - amor e erotismo*. São Paulo, Siciliano, 1995.

TAPASYANANDA (trad.). *Çrîmadbhâgavatam - The Holy Book of God*. Madras, Sri Ramakrishna Math, 1980.